

11.

Século XX – África Central – Uganda – Oratura

Alguns pensadores e artistas africanos vêm usando o termo oratura para falar de sua tradição oral, este termo foi cunhado pelo linguista de Uganda, Pio Zirimu, por volta de 1970, como rejeição ao que o ocidente chama de literatura ou narrativa oral. Sua ideia era apontar para um sistema oral estético que não precisasse validar-se a partir da literatura. Ele não teve tempo de desenvolver sua teoria porque foi brutalmente assassinado pela ditadura de Idi Amin, seus agentes o envenenaram durante um festival na Nigéria, *Festac'77*.

Oralidade e escrita não produzem uma mesma coisa e tampouco partem de um mesmo ponto. Quero dizer com isso que ao se transcrever um texto falado, ele se perde e uma nova coisa se produz em seu lugar. Como disse, sou amante da escrita e este texto só é possível a partir dela, não busco aqui opor escrita e fala buscando a superioridade de uma delas, apenas acho importante reforçar a ideia de que os textos falados não são apenas textos cujas palavras podem ser reproduzidas numa escrita, estas palavras têm, atreladas ao seu sentido, o corpo que fala, a intenção, o alcance, o outro que ouve. O texto falado é parte de uma performance. Da mesma forma, penso não serem os textos escritos facilmente transpostos para a fala, eles também transformam-se numa outra coisa, o papel, a mancha, são um corpo relevante na constituição do seu significado, e não só, também como outra forma de presença.

Pitika Ntuli, escultor, poeta e contador de histórias, viveu em Londres por alguns anos e depois voltou ao seu país, África do Sul. Ao voltar, ele reagiu fortemente ao que chamou de atomização da vida e da cultura no ocidente, uma separação que se faz entre as artes e à vida. Quando criança, em seu país, foi formado sem fazer diferenciação entre os modos de expressão, cresceu aprendendo que eram parte de uma mesma coisa, e que atuavam, indistintamente, no seu cotidiano. As segmentações ocidentais lhe pareceram uma violência, uma espécie de doença. Assim, para ele, as artes do povo africano ofereceriam uma espécie de cura, já que há uma fluidez entre drama, dança, música, discurso e performance. Em seu artigo *Orature: A Self-Portrait*, ele fala da oratura como sendo mais que uma fusão de todas as formas de arte, é a concepção e realização

de uma visão total da vida, é o lugar do sentimento, pensamento, imaginação, sabor e audição. Ele escreve:

*The important in orature is the interconnectedness of all these elements. Central to them, is performance. Each is a performance genre, but performance holds them together. Performance is the central feature of orature, and this differentiates the concept of orature from that of literature. Performance involves performer and audience, in orature this often being a participatory audience; and performance space, in orature this being anything from the fireside, the village square or market place, to a shrine. But whatever the combination of location, time and audience, orature realizes its fullness in performance.*

A tradição oral torna a transmissão de conhecimento uma situação pessoal, quem recebe os ensinamentos determina o que vai ser ensinado. O momento em que se conta uma história, se transmite conhecimentos, é sempre singular. Mesmo que o conteúdo se repita, será sempre uma repetição diferente porque está irremediavelmente ligada ao ouvinte e à particularidade do momento. Os segredos são mantidos sob controle, e permanecem secretos.

Os griots são muito cuidadosos ao revelar seus conhecimentos, principalmente para estrangeiros, ou para aqueles que não são griots. É claro que a decisão sobre o que pode ser dito depende do mestre e da relação que se estabelece entre os dois, professor e aprendiz. Em alguns lugares, principalmente nos mais tradicionais, há um sentimento mais intenso de propriedade sobre o conhecimento pertencente a uma profissão, e os griots se recusam a compartilhar completamente seus conhecimentos. O historiador da Guiné, Djibril Tamsir Niane, ao trabalhar com Mamadou Kouyaté coletando versões de *Sundjata*, foi avisado pelo griot para jamais entrar nas cidades mortas questionando o passado, porque os espíritos nunca perdoam. Niane teve que fazer um juramento de ensinar apenas o que deve ser ensinado e esconder o que deve ser mantido escondido.

O que só um homem conhece, morre com ele. Como diz Hampâté Ba, "quando um velho morre na África, é uma biblioteca que queima."